

Se endereçar, se adereçar, se desadereçar.

Sandra Berta

“Foi uma sorte eu estar no caminho” disse Alice enquanto ajudava à Rainha Branca a pôr o xale de novo. A Rainha começou a recitar uma fórmula para se salvar ‘*pão com manteiga - pão com manteiga*’. Alice decidiu iniciar a conversa “Estou *me endereçando à Rainha Branca!*” / “*Bem, se você chama isto de se adereçar... Não é a minha ideia da coisa, em absoluto*”, respondeu a Rainha. Alice, sem querer discutir enquanto iniciava a conversa, preferiu começar assim: “*Se vossa Majestade tiver a bondade de me dizer qual é a maneira certa de começar, farei isso da melhor maneira*” / “*Mas não quero que seja feito de maneira alguma!... Faz duas horas que estou me desadereçando*”, contestou a Rainha / “*Todos os adereços estão tortos, pensou Alice e tudo está pregado com alfinetes*”. Lewis Carroll, Mais-uma vez! O épico da era científica, como Lacan o chamou. Equivoquemos o “*serve*’ e evoquemos Alice. Justamente porque nos reinos, os serventes sabem muito bem para que servem. Se para algo serve o Mais-Um é para saber do que ele se serve para fazer ex-sistir num pequeno grupo isso que Lacan chamou o desejo como turbilhão. Serve para fazer furo, para fazer múltiplo esse buraco onde *a-Coisa* turbilhona. Todavia o Mais-Um se faz servir à sustentação disso que no nó borromeano é o furo que escreve um semblante de relação onde o que prima é a não-relação. Então, se houver função do Mais-Um e se o acaso nos fizesse encontrar com a Rainha Branca enquanto tentamos saber por onde começar a “conversa” (trabalho) de um cartel, por onde continuar e por onde terminar, teríamos a habilidade de Alice: de passar do se endereçar para o se adereçar e ainda de poder sustentar que os alfinetes frouxos possam servir para dar a consistência do xale enquanto ele se desadereça. Ela, a menina Alice, se adereça no xale da Rainha para endereçar-se à rainha. É uma boa metáfora. Eis assim como tratamos os analistas nossa relação ao saber, especificamente quando, na carne - por assim dizer - sabemos que o saber suposto é a ficção do sujeito. A invenção do cartel remete a aposta no nó borromeano, isto é: um apoio para sustentar a metonímia da escrita $S(A)$: não há Outro do Outro. Lacan o diz assim: falar da Coisa Freudiana como constituída essencialmente por esse buraco. O Mais-Um como função e como aquele que se faz agente dessa função deve estar afetado pela *a-Coisa*, para fazer turbilhão do cartel. Há uma pergunta pelo desejo que, se ausente, não sustenta a

experiência analítica nem a experiência do cartel. Vale para o analista, vale para o Mais-Um. Eis a charada!

Referências Bibliográficas

Lacan, J. Homenagem a Lewis Carroll. In: Ornicar? 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, pp. 7-11

_____ Jornadas sobre Cartéis. In: Escola da Coisa Freudiana. Cadernos 0. Da fundação. Curitiba: Juruá, 2010, pp. 75-149.

_____ Talvez em Vincennes.... In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 316-320.

Lewis Carroll. Alice. Através do Espelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 187-198.